AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: DESTAQUE PARA A BROMBERG & CIA.

THE UNIVERSAL EXHIBITIONS: HIGHLIGHT FOR BROMBERG & CIA.

Janete Rocha Machado[1]

RESUMO

As exposições universais reuniram o que o século XIX entendeu como modernidade: o progresso, a partir do desenvolvimento da ciência e a liberdade conceituada como livre mercado. Grandes laboratórios exibicionistas, as exposições universais buscavam mostrar o que os países haviam feito de progresso industrial, mostrando suas máquinas e seu avanço tecnológico. O caráter universal das exposições se ajustava a um projeto político evidenciado também no século XIX, aliando nacionalismo e burguesia. Organizadas como expressão do progresso tecnológico, as exposições estiveram conectadas com festas e calendários nacionais e foram programadas como momento de encontro entre nações. Como as grandes vedetes das exposições eram sempre as máquinas, tornou-se rapidamente conhecido o nome "Bromberg & Cia.", por se tratar de uma das maiores empresas de importação e representação de maquinário alemão, importante para a implantação das primeiras indústrias no Rio Grande do Sul. Partindo desse pressuposto, o objetivo da pesquisa é analisar algumas dessas exposições, com ênfase na participação da Importadora Alemã Bromberg & Cia., sediada nas cidades de Porto Alegre e Hamburgo.

Palavras-chave: Exposições Universais. Modernidade e progresso. Bromberg & Cia.

ABSTRACT

Universal exhibitions brought together what the 19th century understood as modernity: progress, from the development of science and freedom conceptualized as a free market. Large exhibitionist laboratories, the universal exhibitions sought to show what countries had made of industrial progress, showing their machines and their technological advancement. The universal character of the exhibitions was in line with a political project that was also evident in the 19th century, combining nationalism and the bourgeoisie. Organized as an

1 Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Licenciada e Bacharel em História e Turismo pela mesma instituição. Especialista em Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio pela Faculdade Porto-Alegrense/FAPA. Desenvolve pesquisas relacionadas à urbanização e desenvolvimento dos bairros de Porto Alegre. Procura entender também as relações entre empresários e políticos oriundos da indústria e do comércio no Rio Grande do Sul. Pesquisa, especialmente, os negócios Bromberg & Cia. Atua, principalmente, nas seguintes linhas de investigação: História do Rio Grande do Sul; Imigração; Imagens e Cultura Urbana; Empreendedorismo; História e Memória.

expression of technological progress, the exhibitions were connected with national parties and calendars and were programmed as a meeting between nations. As the great stars of the exhibitions were always machines, the name "Bromberg & Cia." Quickly became known, as it is one of the largest companies of import and representation of German machinery, important for the implantation of the first industries in Rio Grande do Sul. Based on this assumption, the objective of the research is to analyze some of these exhibitions, with emphasis on the participation of the German Importer Bromberg & Cia., Based in the cities of Porto Alegre and Hamburg.

Keywords: *International Exhibitions. Modernity and progress. Bromberg & Cia.*

INTRODUÇÃO

Inseridas no contexto da expansão do capitalismo industrial, as exposições universais representaram a modernidade a partir da segunda metade do século XIX. Elas foram lançadas com o objetivo de apresentar ao grande público os principais produtos do engenho humano. Desde as primeiras edições, as exposições tiveram por objetivo educar e entreter as massas, estimulando sua crença no progresso científico e tecnológico. As cidades-sedes das primeiras exposições, como Londres e Paris foram os epicentros dessa modernidade. Nesses locais, os expositores tinham o objetivo de apresentar ao público os novos produtos, os quais eram classificados de forma metódica e científica, semelhante a um museu ou a uma enciclopédia.

Com o propósito de representar esse mundo moderno e avançado, as exposições integravam um composto de espetáculos artísticos, descobertas, inovações em várias áreas, tais como ciência, engenharia, indústria, tecnologia, etc. Era um tipo de vitrine de exibição dos recentes inventos disponíveis ao mundo pelo sistema da fábrica.

Se, para os organizadores, geralmente governos nacionais em associação com municipalidades e organizações privadas, as exposições eram úteis para afirmar projetos geopolíticos em escala global, para os expositores (industriais, comerciantes, produtores rurais, etc.) eram boas oportunidades para fazer negócios e divulgar seus produtos e serviços, incentivando o consumo enquanto hábito cultural. As exposições universais serviam desta forma, para expandir redes mercantis, naturalizando o comércio como base das relações internacionais e a produção industrial como base do desenvolvimento social e econômico.

Importante lembrar que no final do século XIX e início do XX os países imperialistas da Europa disputavam mercados consumidores e fornecedores de matérias-primas para sua indústria. Havia um domínio das potências da época sobre as nações menores. Esse avanço protagonizado

pela Inglaterra e França exigia administração racional de seus territórios com relatórios constantes da situação política e das riquezas naturais de cada possessão. Os eventos promovidos pelas instituições britânicas e francesas, as pioneiras no negócio, contribuíram para sedimentar nesses países o conceito de grandes exposições públicas, capaz de abranger ampla variedade de produtos industriais.

As exposições ganharam importância como eventos de afirmação no plano internacional daqueles países que as sediavam, contribuindo para promover sua imagem no exterior. Assim, a capacidade de sediar um evento como uma exposição universal, tornou-se um indicador de prestígio e poder político. Além da projeção internacional, o interesse dos países em sediar uma exposição se sustentava pelas expectativas de benefícios vinculados à realização do evento, incluindo aumento de receitas para o setor de serviços, geração de empregos e benefícios para a infraestrutura da região.

Em 1901, Geralt (1995, 27) apresentou suas ideias sobre essas exposições. Segundo ele, a primeira vantagem e a mais importante que se tira das grandes feiras consiste em um crescimento formidável do comércio exterior. As exposições se configuravam como um meio prático oferecido aos industriais de revelar os progressos e afirmar sua superioridade. Da mesma forma que elas se firmavam como um elemento de propaganda excelente, melhor que os prospectos, os anuários e os viajantes do comércio. No entendimento desse autor, as exposições universais eram decisivas, pois elas eram capazes também de agir sobre o espírito da clientela possível e de produzir uma profunda impressão sobre o comprador do estrangeiro, que era posto em contato com o produto, permitindo-lhe examinar e comparar os produtos que ele ignorava e ignoraria sempre sem elas.

Desta forma, Geralt (1995, 27) apresenta o ponto de vista econômico como sendo uma questão central a ser percebida nos eventos expositivos. Da mesma forma ele cita outros elementos que ajudam a entender as exposições. Anuários, viajantes e propagandas serviam como discursos que informavam sobre produtos, riquezas e objetos reunidos e mostrados ao público. O objetivo nestes eventos era mostrar o progresso industrial, econômico e a superioridade das potências europeias da época. Esse autor associava, portanto, as exposições ao aumento do comércio internacional. E, para que as Exposições Universais cumprissem seu projeto "mercantil," era preciso que elas fossem também internacionais, sendo necessária a integração de várias nações de continentes diversos, naturezas diferentes e estágios de desenvolvimento industriais também variados.

Para Eric Hobsbawm (1998, p. 36), "nos anos 1880, a Europa, além de ser o centro original do desenvolvimento capitalista que dominava e

transformava o mundo, era, de longe, a peça mais importante da economia mundial e da sociedade burguesa". E, nesse período, somente uma economia estava efetivamente industrializada – a inglesa – e consequentemente dominava o mundo. Hobsbawm (1998, p. 47) observa ainda que "era na tecnologia e em sua consequência mais óbvia, o crescimento da produção material e da comunicação, que o progresso era mais evidente. A maquinaria moderna era predominantemente movida a vapor e feita de ferro e de aço". Importante salientar que os eventos expositivos tornaram-se um meio de contato entre os países industriais e os fornecedores de bens primários, entre metrópole e colônia. No entendimento do autor (HOBSBAWN: 1996, p, 57), este desejo de integração entre as várias regiões do mundo, entre as potências europeias e o "restante" do mundo acabou por acelerar a concentração de capitais e de poder de decisão entre poucas nações.

Ainda segundo Hobsbawn (1996, p. 58), a era dessa vitória global foi iniciada e pontilhada pelos gigantescos novos rituais de autocongratulação, as Grandes Exposições Internacionais, cada uma delas encaixada num principesco monumento à riqueza e ao progresso técnico, como o Palácio de Cristal em Londres (1851), o qual exibiu um número crescente e variado de manufaturas, atraindo turistas nacionais e estrangeiros em quantidades astronômicas.

E, nesse cenário, a maior inovação industrial, excetuando-se os campos científicos, foi provavelmente a produção em massa de maquinaria. A tecnologia tinha uma base cientifica, e é surpreendente como as inovações eram tão rápidas e amplamente adotadas. A inovação mais notável na distribuição foi a loja de departamento, introduzida pioneiramente na França e na Grã-Bretanha, e que começava a penetrar também na Alemanha.

Na análise de Sandra Pesavento (1997, p. 15), as exposições universais fizeram circular não só as mercadorias, mas também as ideias em escala internacional, pois elas foram elementos de difusão das imagens, ideias e crenças pertinentes ao *ethos* burguês. Neste sentido, elas procuraram passar as noções de que empresários triunfavam porque eram competentes, o progresso era necessário e desejável.

Desta forma, as exposições representaram, na época, a internacionalização do capitalismo como sistema e a universalização do imaginário de uma classe em ascensão. É importante salientar que, já a partir do final do século XIX, essa modernidade foi desejada por grupos sociais que tinham por meta participar dessa rota de progresso. E para cumprir esta meta de apanhar o *trem da história*, nada mais indicado do que participar daqueles verdadeiros espetáculos da modernidade, ou seja, as exposições

universais.

A Torre Eiffel em Paris e o Palácio de Cristal em Londres configuraram-se como símbolos visíveis do avanço tecnológico e foram construídos para serem exibidos nas feiras mundiais, apresentando ao mundo a apoteose da técnica da construção em ferro e cristal. Para Pesavento (1997, p. 179), a Torre Eiffel, foi o símbolo da modernidade dos novos tempos. A ideia era construir cada vez mais alto, um tipo de Babel dos tempos modernos. Assim como a construção de ferro com o Crystal Palace, parecia ter chegado ao seu ápice.

Na América do Sul, as exposições de Buenos Aires (1910) e Rio de Janeiro (1922) marcaram época nesse cenário de modernidade. Buenos Aires, por ser a capital e a mais desenvolvida cidade da Argentina. No Brasil, o Rio de Janeiro representava o acesso a esse novo tempo originário da Europa. Após as reformas urbanísticas e sanitárias, o Rio de Janeiro tornou-se uma cidade cosmopolita, onde as pessoas com maior poder aquisitivo incorporavam padrões que elas supunham serem europeus. A nova imagem do Rio, planejada por Pereira Passos (1902 – 1906), tinha por objetivo dar ao Brasil características mais modernas, fugindo da visão de atraso, de país escravocrata. E para fazer tais reformas, a inspiração veio justamente da cidade de Paris.

Daí a necessidade de o Brasil ingressar nessas *ondas* de progresso, as quais implicariam em maiores avanços em todos os ramos produtivos. Nesse sentido, as exposições universais convertiam-se também num eficaz meio de propaganda das potencialidades do Brasil, atraindo as atenções de compradores e investidores estrangeiros (PESAVENTO, 1997, p. 101). E foi assim que a exposição internacional se transformou em um catálogo do conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas. A exposição funcionava para seus visitantes como uma janela para o mundo. Ela exibia o novo, o exótico, o desconhecido, o fantástico e o longínquo (PESAVENTO, 1997, p. 45), características bem pertinentes à participação do Brasil.

O Rio Grande do Sul também soube aproveitar esse momento de modernidade. O estado gaúcho foi escolhido para sediar algumas feiras, pois, se destacava por representar uma diversificada base econômico-social, que visava o mercado interno brasileiro, fato que lhe daria o título de "celeiro do Brasil". Segundo Pesavento (1991, p. 35), ficou no passado a ideia de um estado exclusivamente agropastoril, embora esta tenha sido a imagem fixada ao longo da história e reafirmada nos livros didáticos. Ainda, segundo a historiadora, o gaúcho com seus símbolos culturais, como o cavalo, o churrasco e o chimarrão ficaram no imaginário do Rio Grande.

Ao longo dos anos, paulatinamente, estruturou-se uma ordem urbano-industrial, com a presença de grandes empreendedores, a maioria de origem alemã, a qual é preciso recuperar. Havia um projeto regional do PRR, Partido Republicano Rio-Grandense, que se consolidou no poder no período da República Velha (1889 – 1930), constituído sob os princípios ideológicos do Positivismo, os quais contemplaram a indústria gaúcha e seus empresários. O partido exerceu influência nas condições de organização da classe industrial do Rio Grande do Sul.

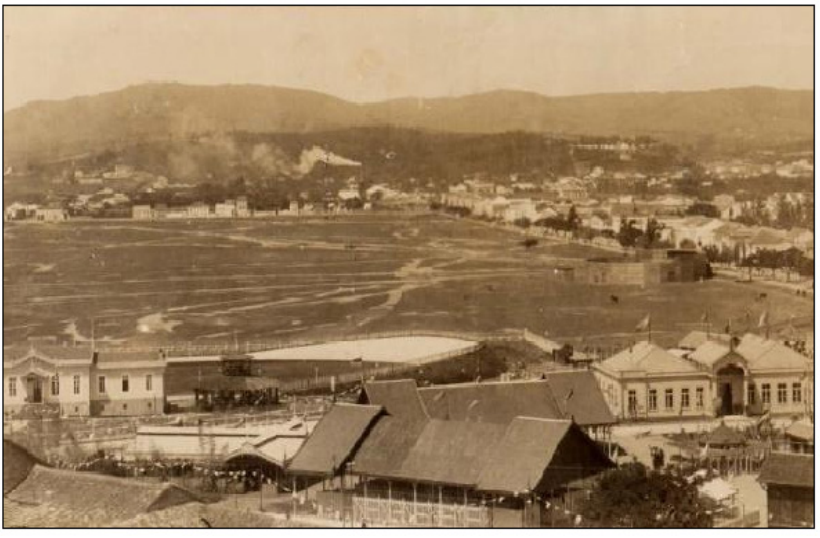
O Partido Republicano Rio-Grandense viabilizou uma proposta política reformista e modernizante para o estado, atraindo as novas camadas médias urbanas, como os novos comerciantes de Porto Alegre. O partido trouxe para si, igualmente, uma classe em ascensão, como os executivos, entre eles, banqueiros e industriais. Destacam-se nesse último grupo os gestores da Bromberg & Cia, empresa responsável pelos negócios de importação de maquinário alemão, fundamental para a estruturação das primeiras indústrias no Rio Grande do Sul.

1 As grandes exposições: destaque para a BROMBERG & CIA

Polo de atração para os imigrantes, o Estado do Rio Grande do Sul mostrava ao mundo uma economia estável, a qual não dependia das incertezas do mercado internacional, como as flutuações do café paulista. Parte desse desenvolvimento econômico gaúcho estava associada ao comércio praticado pelos imigrantes, entre eles, os alemães. "Ante o que chamava uma crise geral que atravessava o país, com o café enfrentando a superprodução, com a deflação, o Rio Grande do Sul postulava para si uma posição diferenciada inaugurando com brilho a sua exposição do fim do século" (PESAVENTO, 1997, p. 227). A origem citadina de alguns desses imigrantes foi decisiva para escolherem Porto Alegre como destino final, local onde desenvolveram atividades relacionadas ao comércio e também à indústria.

Marcou época a exposição que ocorreu em Porto Alegre no ano de 1901. O local do evento foi o Campo da Redenção (atualmente Parque Farroupilha) e serviu para mostrar à sociedade o final de uma era e o início de outra, mais moderna e tecnológica. Com uma forte conotação política, a feira simbolizou, na época, uma matriz de orientação positivista e republicana. "Com esse evento, os gaúchos assinalavam a solidez e a excelência do regime republicano no país e festejavam o domínio regional do Partido Republicano Rio-Grandense, consolidado e vitorioso após a Revolução Federalista de 1893-1895" (PESAVENTO, 1997, p. 226).

Fig. 1: Imagem da Exposição de 1901/Porto Alegre



Fonte: Fototeca Sioma Breitman/Museu de Porto Alegre
Joaquim Felizardo

Na imagem acima (fig.1), pode-se observar à direita o pavilhão do município de Porto Alegre, à esquerda o pavilhão da apicultura e no mesmo plano o velódromo. No lado superior direito o antigo Circo das Touradas e ao fundo, à esquerda, o Campo da Redenção e o Colégio Militar. Nesse evento estavam representados sessenta municípios, mais de dois mil expositores e cerca de oitenta mil itens expostos entre produtos, animais e equipamento. O Rio Grande do Sul apresentou um pavilhão só de máquinas, divulgando, entre outros, o nome da Importadora alemã Bromberg & Cia[2]. "*Para proporcionar aos industriaes sul-americanos o ensejo de poderem convencer-se da capacidade extraordinária dos importados, a Bromberg fizera se representar, em todas as exposições argentinas e brasileiras, n'ellas exhibindo seus artigos*" (BROMBERG & Co., 1913, p. 143).

A Exposição Agropecuária e Industrial do Rio Grande do Sul de 1901, também conhecida por Exposição Agroindustrial foi uma grande mostra não só de produtos agrícolas, mas também, e principalmente, de produtos industriais. Para Pesavento (1997, p. 43), as grandes vedetes das

2 As Empresas Bromberg & Cia. integraram, no passado, um dos maiores complexos de importação e exportação de maquinário alemão, com sede no Estado do Rio Grande do Sul e filiais espalhadas pela América do Sul. Permeada por uma história de empreendedorismo, a qual remonta aos primeiros negócios na cidade de Hamburgo na Alemanha, no século XIX, a empresa foi o resultado de uma gestão familiar oriunda de imigrantes alemães sediada em Porto Alegre. ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

exposições universais foram sempre as máquinas, os novos inventos e os produtos recém-saídos das fábricas, cujo consumo se buscava difundir e ampliar mundialmente.

O objetivo dos diretores da Bromberg & Cia. ao participar dessas feiras era o de ampliar as vendas, reforçando os contatos entre produtores e consumidores, especialmente para viabilizar o comércio de novas máquinas. As feiras funcionavam como um eficiente esquema publicitário cujo propósito era o de divulgar os produtos e assim expandir os negócios do grupo. Por meio dos catálogos distribuídos nas exposições era possível conhecer as empresas, seus produtos e serviços.

Em 1910, a Bromberg & Cia. também esteve presente na Exposição Universal de Buenos Aires. Cerca de vinte pavilhões foram erguidos nos terrenos da feira. Vários jovens arquitetos italianos, os quais estabeleceram carreiras de sucesso na cidade, trabalharam vários estilos, incluindo a *Art Nouveau*. Este estilo desempenhou um papel importante nos projetos de muitos dos edifícios, pois estava presente na paisagem arquitetônica da cidade moderna de Buenos Aires. Cada pavilhão dessa exposição apresentou um tema diferente. No prédio da agricultura e pecuária, era possível visitar e conhecer algumas atividades agrícolas e produtos de várias partes do país.

No pavilhão da indústria, localizado onde é hoje a Avenida Del Libertador, ficavam as máquinas industriais, muitas das quais nunca haviam sido vistas antes na Argentina. Os pavilhões das ferrovias e dos transportes terrestres atraíram os visitantes. Nesse ambiente era possível conhecer, não só os automóveis mais modernos da Europa, mas ainda os iates, aviões, locomotivas, carruagens, vagões e os locomóveis, cuja marca Lanz conquistou fama universal devido à qualidade e perfeição. "*Os locomoveis Lanz expostos pela firma Bromberg & Cia. na Exposição Universal de Buenos Aires (1910) receberam os mais altos diplomas de honra e dois Grands Prix*" (BROMBERG & Co., 1913, p. 214).

A Bromberg & Cia. possuía filiais em vários países da América do Sul, incluindo a Argentina. A sede da empresa ficava na cidade de Buenos Aires. Essa filial foi preponderante para a participação da Bromberg & Cia. no evento. Para isso, os engenheiros construíram os pavilhões onde se organizaram as exposições das máquinas e das ferramentas. As filiais no Brasil, sediadas em Porto Alegre, também enviaram seus produtos para expor nessa feira. Outras mostras apresentaram, igualmente, os produtos comercializados pela Bromberg & Cia. É importante reforçar que a companhia era referência em maquinário para indústrias que surgiam e cresciam naquele período.

Devido ao grande interesse pelo maquinário alemão, e empresa foi

convidada a participar de outras feiras pelo Brasil, incluindo as exposições agropecuárias e industriais realizadas no Rio Grande do Sul. Em 1905 a Bromberg & Cia. participou da feira de Bagé, local onde também possuía filiais. Em Porto Alegre, além da grande exposição de 1901, outras feiras ocorreram em três momentos distintos: 1909, 1910 e 1912, e caracterizaram-se por serem exposições agropecuárias.

A feira de 1912 realizou-se no antigo arrabalde do Menino Deus e se chamou II Exposição Agropecuária Estadual. As Empresas Bromberg & Cia marcaram presença neste evento com pavilhão construído especialmente para a exposição. A firma expôs alguns de seus produtos e aproveitou para divulgar, por meio de seu catálogo, parte de seu maquinário, tais como: tratores, arados, capinadeiras, ceifadeiras, prensas, motores, moinhos, máquinas para beneficiar madeiras, materiais para instalações hidráulicas e elétricas e os locomóveis. Na imagem a seguir (fig.2) pode-se visualizar a parte interna de um dos pavilhões da Bromberg & Cia. na Feira do Menino Deus em 1912. A fotografia também possibilita um entendimento de como estavam distribuídos os maquinários dentro do salão da empresa.

Fig. 2: Imagem interna do pavilhão da Bromberg na exposição de 1912.

Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 152.

O terreno da exposição foi adquirido pelo governo do Rio Grande do Sul, com o propósito de sediar periodicamente outras feiras. Segundo dados do Boletim Técnico da Secretaria de Estado das Obras Públicas de 1912: *"As installações da exposição de maio de 1912 receberam mais amplitude do*

que as da precedente, e as dimensões do terreno permitirão dar aos futuros concursos estadoaes a importância maior e necessária ao ampliamento da indústria rural do Estado" (BOLETIM, 1912, p. 127). Ainda conforme o mesmo boletim, os pavilhões das máquinas agrícolas foram os que mais se destacaram*: "A divisão das machinas agrícolas foi a mais importante em valor e o imenso adiantamento que patenteia é certamente o critério mais seguro da valorização da lavoura rio-grandense e do maior afluxo de capital que a vae vivificando"* (BOLETIM, 1912, p. 127).

Consta também nos informes desse boletim, que o pavilhão da Bromberg & Cia. foi muito procurado nessa feira, devido ao interesse do público pelos novos produtos importados, as novidades da época oriundas da Europa: *"A exposição das diversas casas importadoras, como Bromberg & Cia, Behrensdorf & Cia, Alliança do Sul, Lima & Martins, Faria & Cia, foi a parte mais visitada da Exposição, e a sua importância instructiva era merecedora da área espaçosa que lhes foi concedida"* (BOLETIM, 1912, p. 128).

Pelo reconhecimento do maquinário exposto nas feiras era comum a Bromberg & Cia. receber prêmios, conforme documento da época: *"Em todas ellas a firma mandou construir edifícios e pavilhões próprios para os seus artigos e inúmeros são os prêmios e distincções honrosas que dão testemunho da superioridade e capacidade das machinas e ferramentas expostas"* (BROMBERG & Co., 1913, p. 143).

Fig. 3: Álbum da II Feira Agropecuária Estadual/1912

Fonte: Revista do Mez, 1923.

A imagem acima (fig.3) permite uma mostra da variedade de produtos disponibilizados pela empresa, produtos esses importados de indústrias sediadas na Alemanha. O contato era feito por meio da cidade de Hamburgo, onde os diretores da Bromberg & Cia. tinham contatos. Entre esses produtos destaca-se: locomóveis, motores a querosene, moinhos de vento, máquinas para madeireiras, materiais para instalação hidráulica e elétrica, arados, tratores, prensas, além de outros já citados no texto.

Às vésperas de seu terceiro mandato, e empreendendo campanha para assumir novamente a presidência do Estado, Borges de Medeiros se fez presente na Exposição de 1912. Importante salientar que no quinquênio 1913 a 1918, o governo de Borges destacou-se, período em que foram intensificadas as obras do palácio do governo, do porto da capital, de diversos colégios e também da Biblioteca Pública. Borges iniciou a expansão dos transportes, organizando uma rede de estradas, promovendo a estatização de serviços públicos, como o transporte ferroviário e obras portuárias, até então a cargo de companhias internacionais.

Fig. 4: Borges e família no Parque de Exposições/1912.

Fonte: Revista do Mez, 1923.

Na figura 4, é possível identificar a entrada de Borges de Medeiros e de sua família no Parque de Exposições de 1912. Diante do acontecimento importante que era uma exposição, as visitas de políticos e personalidades faziam parte da agenda daqueles eventos. No detalhe (canto direito da

foto), sinalizado com uma seta vermelha, vê-se o pavilhão construído para sediar os produtos da Bromberg & Cia. Importante destacar a presença (já citada) dos locomóveis da marca Lanz que eram comercializados pela empresa.

2 Os locomóveis Lanz: atração nas exposições

Desde os primórdios das atividades do homem, sempre houve a necessidade de substituir a energia humana e animal pela das máquinas, a fim de facilitar o trabalho. Durante séculos, o homem utilizou-se também da energia proveniente da força da água e do vento. A partir do momento em que foi preciso maior potência para movimentar as máquinas, cada vez mais complexas, passou-se a utilizar a pressão do vapor formado a partir da água fervente. Após muitas experiências, chegou-se a desenvolver o motor a vapor, e, para viabilizar esse tipo de energia, era necessária uma caldeira geradora de vapor, uma fonte de calor, a fornalha e o combustível. Originalmente, o combustível era lenha, mas era escassa e de baixo teor de calorias, precisando ser descartada após pouco tempo.

Havia outra fonte de energia de baixo custo e abundante, que era o carvão mineral. A partir dele era possível desenvolver motores a vapor de alta potência, ligados a caldeiras de grande porte, alimentadas por fornalhas com excelente capacidade de queima de combustível. Porém, surgiu um problema: como fazer o transporte do carvão até a fornalha? Assim, construíram-se as primeiras instalações perto da boca da mina. Mas, em algumas situações, o problema do transporte continuou, e, para resolvê-lo, surgiram as ferrovias com seus trens tracionados por locomotivas a vapor, as quais possibilitaram o deslocamento do material.

A locomotiva se compõe de dois motores a vapor, montados, um de cada lado de uma caldeira com fornalha incorporada, tudo montado sobre rodas. A potência dos motores a vapor era transmitida às rodas, movimentando o conjunto e tracionando grande número de vagões, transportando pessoas e cargas em grandes distâncias e a baixo custo. A partir da ideia das locomotivas, surgiu o locomóvel, "carro-chefe" dos negócios da Bromberg & Cia., produto que não podia faltar nas exposições.

Em síntese, o locomóvel é uma máquina térmica que gera energia mecânica, transformando-a em elétrica, utilizando diversos tipos de combustíveis. Ele é constituído, basicamente, de fornalha, caldeira e máquina a vapor. Os locomóveis eram comercializados, especialmente, pelas filiais localizadas na Argentina e no Brasil, e distribuídos para toda a América do Sul.

Fig. 5: Locomóvel da marca alemã Lanz.

Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 224.

Uma das fornecedoras das máquinas era a empresa alemã Heinrich Lanz, situada na cidade de Mannheim, Estado de Baden-Württemberg na Alemanha. A empresa, que surgiu em 1859, dirigida por Heinrich Lanz, foi a maior fábrica de máquinas agrícolas no continente europeu, empregando milhares de trabalhadores. Na figura 5 é possível identificar um locomóvel Lanz conduzindo debulhadoras (também da marca Lanz) direto da fábrica com destino à estação em Mannheim, local onde estavam as lojas Bromberg na Alemanha.

Em outra imagem (fig. 6), vê-se mais um locomóvel Lanz conduzindo uma carroça de caldeiras que ficou atolada no meio do caminho, na região rural de Buenos Aires. Observa-se a importância da pequena locomotiva no serviço de socorro aos trabalhadores rurais.

Na Exposição Mundial de Paris em 1900, a empresa Lanz apresentou em parceira com a Bromberg & Cia. os primeiros locomóveis. Naquele período, a fabricação de mais de dez mil locomóveis para a agricultura e a indústria sinalizavam o sucesso da produção em larga escala. *"O locomóvel Lanz (de 115 cavalos) podia descascar até 800 sacos de arroz por dia"* (BROMBERG & Co., 1913, p. 5). A força da máquina também movia as bombas nas granjas de arroz e impulsionava a água pela rede de canais. Publicações da época afirmam que os locomóveis eram o coração das fazendas e das indústrias gaúchas daquela época.

Fig. 6: Locomóvel Lanz importado pela Bromberg & Cia.

Fonte: BROMBERG & Co., Hamburgo, 1913, p. 144.

O Brasil e a Argentina, por meio das filiais da Bromberg & Cia, encomendavam os locomóveis diretamente da firma alemã. No ano de 1913, foram comercializados mais de 800 locomóveis. "*A firma Heinrich Lanz, a maior fabrica de locomoveis de toda a Europa, que é representada no Brazil e na Argentina exclusivamente pela casa Bromberg & Cia., fabrica principalmente locomoveis e debulhadeiras*" (BROMBERG & Co., 1913, p. 214).

Desta forma, percebe-se que os locomóveis marcaram época na história da mecanização da produção, especialmente do arroz, no Rio Grande do Sul. As máquinas em questão foram as responsáveis também pelo desenvolvimento da indústria madeireira no estado, pois foram comercializadas para o mercado das serrarias.

Igualmente conhecidos por "locomotivas estacionárias", eram de fácil instalação, o que viabilizava o uso e também maior lucratividade. Os locomóveis eram úteis ainda para a movimentação de cargas muito pesadas. Esse tipo de transporte servia para caminhos acidentados. Eles desapareceram do mercado brasileiro juntamente com as filiais da Bromberg & Cia. em torno da década de 1930, com o *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929).. Uma crise de dimensões gigantes iria abalar não só os alicerces da importadora alemã, mas também de outras empresas importantes no cenário econômico mundial. Porém, é preciso que se diga que os locomóveis foram sempre a maior atração da empresa nas feiras internacionais onde ela se apresentava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A particularidade universal das exposições foi uma marca distintiva do processo de mundialização industrial do final do século XIX e início do XX. As grandes feiras eram espaços de divulgação internacional daquilo que era produzido pelos países. A concorrência e as disputas no campo tecnológico se davam fundamentalmente entre as nações industrializadas. A Europa (especialmente Inglaterra e França) e os Estados Unidos capitanearam o modelo de exibição industrial universalizando também padrões, modelos científicos, invenções industriais e novas tecnologias. As exposições não eram universais apenas na forma, elas pretendiam universalizar-se também como modelo de ciência, economia e sociedade do mundo ocidental, projetando para o restante do mundo o padrão sobre o que era ser moderno.

As exposições internacionais marcaram época, eram grandes laboratórios de divulgação, não só de novos produtos, mas também de ideias e descobertas. Buscava-se exibir novidades, ou seja, tudo aquilo que os países mais desenvolvidos haviam feito de progresso industrial e tecnológico. Neste contexto, as máquinas eram a maior atração das feiras e tudo o que elas representavam em termos de avanço científico e desenvolvimento econômico.

Os pavilhões das feiras buscavam mostrar o que de melhor cada nação ali representada poderia oferecer ao público, fosse ele consumidor ou apenas visitante. As feiras eram internacionais, pois precisavam mostrar ao mundo um projeto de mercado e de desenvolvimento industrial. Com um perfil imperialista, os países que participavam das exposições buscavam mercados consumidores para suas mercadorias e novos fornecedores de matérias-primas. Cada país buscava trazer para o seu pavilhão a imagem de sua nação e o que de melhor ela representava. Os arranjos dos objetos nas exposições, assim como os próprios prédios faziam parte do espetáculo, onde a mercadoria passaria a ser o centro das atenções.

As primeiras participações do Brasil nas feiras internacionais foram tímidas e mostraram ao mundo um país dos trópicos, cujos atrativos estavam apenas nos produtos agrícolas. A seleção dos itens a serem enviados para as feiras era feita, anteriormente, por meio de exposições regionais e nacionais. Entre as amostras estavam o café (destaque), guaraná, açúcar, cacau, mandioca e fumo. Na Exposição de Paris, em 1889, o estande do Brasil chegou a incluir também um lago artificial com vitórias-régias, para que os visitantes pudessem ter uma experiência sensorial da flora tropical.

Com o tempo, as exposições do Brasil passaram a ter outro caráter, e o país procurou mostrar também seu potencial industrial, objetivando a atrair investidores e mercados externos. Nesse novo horizonte destacou-se

a exposição do maquinário da Bromberg & Cia., empresa alemã sediada em Porto Alegre. Uma vez que as máquinas eram símbolos do fetichismo da mercadoria e imagem do progresso capitalista, pois ela fascinava e se oferecia para ser admirada.

As máquinas apresentam-se, desta forma, como o invento que veio para diminuir o esforço do homem e proporcionar bem-estar, mas nunca para explorá-lo. Assim, as novas invenções tecnológicas e os produtos recém-saídos das fábricas eram as grandes novidades das feiras, pois eram associadas ao desenvolvimento industrial, cujo consumo era estimulado a partir das exposições internacionais. As exposições serviam para se exibir as mais complexas máquinas, e era isso que fazia os expositores representantes da Bromberg & Cia. nas mais diversas exposições, fora e dentro do Brasil.

A Exposição de 1901, sediada em Porto Alegre, foi o momento do Rio Grande do Sul apresentar, por meio das empresas Bromberg & Cia., seu pavilhão das máquinas e insumos para as indústrias recém-criadas. A empresa foi fundamental para o início do processo de industrialização no Rio Grande do Sul, pois entre os equipamentos importados da Alemanha, estavam as máquinas, essenciais para o desenvolvimento das primeiras indústrias no estado.

Além da empresa alemã, outras despontavam no cenário empresarial do estado. Segundo Pesavento (1997, p. 229), várias empresas, como a fábrica de charutos Poock ou a de fiação e tecidos União Fabril, a fábrica de chapéus Pelotense, a Fiação e Tecidos Porto-Alegrense, as cervejarias Bopp, Sassen e Ritter, a metalúrgica Berta, com seus cofres, fogões e a fundição Becker com seus artefatos de metal, marcaram presença no cenário industrial do Rio Grande do Sul. É preciso salientar que a Bromberg & Cia foi a responsável pela importação do maquinário alemão, fundamental para fazer funcionar esses estabelecimentos citados acima.

Desta forma, a importação de artigos de metalurgia, como ferro, máquinas e ferramentas diversas (que vinham diretamente de Hamburgo na Alemanha), se mostrava um mercado bastante promissor diante da perspectiva do início do processo de industrialização no estado gaúcho. As novas indústrias que surgiam necessitavam de máquinas e outros equipamentos, os quais eram oriundos da Europa onde países como Alemanha e Inglaterra já haviam passado por sua segunda revolução industrial. E nesse contexto, as exposições universais tornaram-se fundamentais, não só para a divulgação dos novos produtos que surgiam com a modernidade, mas para pensar os séculos XIX e XX no que diz respeito não apenas à política ou à economia, mas às trocas culturais, bem como de identidades profissionais, artísticas, étnicas, regionais, coloniais e nacionais.

REFERÊNCIAS

ACERVO BENNO MENTZ. Instituto Delfos - Espaço de Documentação e Memoria Cultural.

ACERVO da Família Bromberg.

ACERVO da Fototeca Sioma Breitman. Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

ALMANACK DO COMMERCIO – Rio Grande do Sul, 1920. *Edição de revista de Industria e Coomercio*: O Progresso. Livraria do Globo. Porto Alegre.

BLANCATO, V. *As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul no 1º Centenário da Independência do Brasil*. Porto Alegre. Officinas Graphicas da Livraria do Globo. Barcellos Bertaso & C., 1923, s/p.

BOLETIM TECHNICO da Secretaria de Estado das Obras Publicas. Acervo DELFOS/PUCRS. 1912.

BROMBERG & Co., Hamburgo. Retrospecto 1863 – 1913. *Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia*. Porto Alegre, 1913.

BUENO, E.; TAITELBAUM, P. Indústria de Ponta. *Uma história da industrialização do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre e seu comércio*. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850 – 1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GERTZ, René E. *Imigração e empreendedorismo industrial no Rio Grande do Sul*. *In:* Imigrantes empreendedores na História do Brasil: estudos de casos. Org. Claudia Musa Fay, Antonio de Ruggiero. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital, 1848-1875.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. *Exposições Universais, espetáculos da modernidade do século XIX*. Editora HUCITEC. São Paulo, 1997.

PESAVENTO, Sandra J. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: RIOCELL, 1985.

PESAVENTO,Sandra J. *Imagens da nação, do progresso e da tecnologia*: a Exposição Universal da Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*, v.2, p.151-167. 1994.

PESAVENTO, Sandra J. *O cotidiano da república*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1990.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris,* Rio de Janeiro, Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. *Os Industriais da República*. Porto Alegre: IEL, 1991.

PESAVENTO, Sandra J. *Rio Grande do Sul, 1890-1930: a ideia da indústria (com a palavra o empresário e o governo)*. Revista Análise Econômica, Porto Alegre, ano 4, n. 7, nov.1986, pp. 3-20.

PESAVENTO, Sandra J. *RS: agropecuária colonial & industrialização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

PESAVENTO, Sandra J. *De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização*. *In:* MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). Os alemães no sul do Brasil. Canoas: Editora da Ulbra, 1994.

REVISTA DO MEZ. *Número especial, dedicado a Colonia Allemã do Estado do Rio Grande do Rio Grande do Sul*. Acervo DELFOS/PUCRS, 1923.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará. Origem do capital estrangeiro no Brasil. Natal-RN. Editora Universitária UFRN, 1995.

Recebido em 15/01/2021

Aprovado em 24/06/2021